

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] BAPTISTA, M. *et all* (2006) – *Educação Alimentar em Meio Escolar: Referencial para uma oferta alimentar saudável*, Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. ISBN: 978-972-742-243-2 in [http://www.drelvt.min-edu.pt/accao\\_social\\_escolar/livro-educacao-alimentar-em-meio-escolar.pdf](http://www.drelvt.min-edu.pt/accao_social_escolar/livro-educacao-alimentar-em-meio-escolar.pdf)
- [10] FROTA, A. (2007) - *Obesidade. Uma doença crónica ainda desconhecida*, Lisboa: Direcção-Geral de Saúde in <http://www.scribd.com/doc/3875056/Obesidadeuma-doenca-cronica-ainda-desconhecida>
- [2] HANSON, S. (2004) – *Enfermagem de Cuidados de Saúde à Família: Teoria, Prática e Investigação*. Loures: Lusociência, 2ªed. ISBN: 978-972-8383-83-1
- [3] NUNES, E. ; BREDÁ, J. (s.a.) – *Manual para uma alimentação saudável em jardins de infância*, Lisboa: Direcção-Geral de Saúde. ISBN: 972-9425-94-9 in <http://www.dgs.pt/upload/membro.id/ficheiros/i005536.pdf>
- [4] OPPERMAN, C.; CASSANDRA, K. (2001) – *Enfermagem Pediátrica Contemporânea*, Loures: Lusociência. ISBN: 978-972-8383-19-0
- [5] STANHOPE, M.; LANCASTER, J. (1999) – *Enfermagem Comunitária: Promoção da Saúde de Grupos, Famílias e Indivíduos*. Lisboa: Lusociência, 4ªed. ISBN: 972-8383-05-3

## REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS

- [6] <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/Article/110> (21-10-10; 00:13h)
- [7] [http://www.ufjf.br/revistalibertad/files/2010/01/artigo02\\_1.pdf](http://www.ufjf.br/revistalibertad/files/2010/01/artigo02_1.pdf) (29-10-10; 18:48h)
- [8] <http://www.fag.edu.br/professores/fabiana/Est%201gio%20ESCOLA/Desenvolvimento%20do%20comportamneto%20alimentar%20infantil.pdf> (29-10-10; 19:34h)

## PAPEL DA TELEVISÃO NO CRESCER DA CRIANÇA

---

Alexandra Bernardo, Inês Henriques, Joana Santos,  
Mariana Santos e Miriam Cardoso

---

### Resumo

O presente artigo de revisão tem como principal objectivo explorar o papel da televisão no desenvolvimento da criança. Desta forma, iniciamos o artigo com uma pequena contextualização sobre o que são os “mass media”, nos quais a televisão está inserida, de forma a facilitar a compreensão de todo o artigo. No decurso deste artigo de revisão iremos dar a conhecer, então, a opinião de diversos autores sobre a forma como a televisão poderá ou não influenciar o crescer das crianças, nomeadamente em termos de comportamento, do desenvolvimento das suas capacidades sociais e das suas capacidades cognitivas. Numa última etapa é abordado o papel do Enfermeiro nesta problemática, quer junto da criança, quer junto da sua família/educadores e as condutas que poderão ser adoptadas para combater as repercussões que a televisão poderá ter na construção das crianças.

**Palavras-Chave:** Criança; Enfermagem; “Mass Media”; Pais; Televisão.

### Abstract

The present article has as its main goal to explore the TV role in children development.

Thus, we began the article with a little background about what are the mass media, in which the TV is inserted, in order to easily understand the whole article. During this review article we will present you the opinion of several authors about the way television may or may not affect children grow, particularly in terms of behavior, social skills development and cognitive abilities. In a last stage we will present the Nurse role in this problem, either next to the child or next to their family/educators, and behaviors that could be adopted to fight the repercussions of the effects that television can have in children development

**Key-words:** Children; Nursing; Mass Media; Parents; Television.

---

O termo "mass media" ou meios de comunicação de massa é uma expressão correntemente usada, mas o que realmente quer dizer "mass media"?

"Mass media" é uma palavra inglesa que significa intermediário ou suporte de massas. Os "mass media" são ao mesmo tempo canais de difusão e meios de expressão que se dirigem não a um indivíduo personalizado mas a um "público-alvo" definido por características socioeconómicas e culturais, em que todos os receptores são anónimos. O telefone não entra na categoria dos "mass media", o cinema, a rádio, a televisão, a imprensa, o livro (com algumas reservas), a publicidade mural são "mass media". O teatro, na sua forma social corrente, é-o sob fortes reservas: não existe nele um carácter de amplificação devido ao

*medium* em si, nem ao anonimato do público-alvo (MOREIRA E PIMENTA, 2000).

Desde a invenção da escrita e, muito mais tarde, da imprensa, passando pelo cinema, rádio ou a banda desenhada, todos os novos processos, veículos e tecnologias de comunicação foram vistos como ameaças potenciais ou reais à socialização dos mais novos (PINTO, 2000: 17).

Neste sentido, é essencial que o Enfermeiro esteja atento para esta realidade e saiba identificar as repercussões que a televisão tem no desenvolvimento das crianças.

Além do elemento meio ambiente que condiciona e alimenta o desenvolvimento geral da criança, os "media" são igualmente mediadores de outras realidades, uma espécie de espelhos multifacetados em que o real e o imaginário se vêm reflectir e refractar em formas diversificadíssimas assim tornadas disponíveis à percepção humana. E é precisamente nestes dois registos que se pode tomar os "media" como agências de socialização da infância: enquanto elementos do meio ambiente e enquanto mediadores de outras realidades (PINTO, 2000: 34).

Ver televisão, na nossa perspectiva, está também longe de ser uma actividade linear e simples, estereotipada na imagem, consagrada pelo senso comum, da criança colada e seduzida (alienada) pelo ecrã. Assim, um dos pontos que considerámos à partida consiste na probabilidade da existência de modalidades e forma diferenciadas de uso da TV. Admitimos, igualmente, a hipótese de que essas diferentes modalidades possam ser, de algum modo, influenciadas pelo status demográfico e pela posição social dos actores. Averiguando designadamente em que medida o tempo (que

todas as observações empíricas indicam ser significativo) passado a ver televisão induz a inactividade ou a passividade das crianças ou é, antes, ou também, sintoma de problemas de outra natureza (PINTO, 2000: 35).

A preocupação com o que a televisão faz às crianças deve ser substituída pela preocupação com o que as crianças fazem com a televisão (PINTO, 2000: 36).

Os meios de comunicação em massa tornam visíveis e permitem o acesso a ambientes e situações com os quais, de outra forma, o indivíduo de modo geral dificilmente poderia esperar tomar contacto (PINTO, 2000: 44).

Tanto a pesquisa como a própria evidência empírica dão conta do facto de as crianças começarem a ver TV cada vez mais cedo, dominarem com mestria o controlo do aparelho desde tenra idade e consumirem com interesse programas não apenas a elas especificamente destinados, mas igualmente dirigidos ao público em geral, e designadamente aos adultos (PINTO, 2000: 71).

Nos nossos dias observa-se uma diluição das fronteiras entre adultos e crianças, expressa nomeadamente no vestuário, nos jogos, nos comportamentos sociais, no tipo de crimes, nas atitudes e na linguagem (PINTO, 2000: 78).

A noção de aprendizagem, de gradualidade na descoberta dos segredos da vida, o conceito de pudor, de mistério e de iniciação, bem como o esforço na procura de respostas às questões do mundo e da vida – tudo isto desaparece no novo cenário de “portas escancaradas”, proporcionado pela televisão e, em geral, pelos “media” electrónicos (PINTO, 2000: 78).

A televisão é um importante canal de transmissão das atitudes culturais acerca do

género. A teoria da aprendizagem social prediz que as crianças que vêem muita televisão terão um nível mais elevado de tipificação de género devido à imitação dos modelos que vêem no ecrã (PAPALIA et al., 2001: 364).

Os pais são, porém, fortemente zurrizados, por utilizarem a TV como baby-sitter, como solução fácil para ficarem sossegados ou poderem entregar-se às suas ocupações e interesses, uma prática que implica, porém, a diminuição ou supressão da convivência e da interacção necessárias à normal socialização da criança (PINTO, 2000: 79).

Os programas televisivos podem fornecer à família temas de conversação, mas também podem esterilizá-la por meio de uma passividade geral perante o ecrã (PEPIN, 1979: 163).

À medida que a televisão se integrava na vida familiar e construía a sua audiência, de modo especial entre os mais novos, ia adquirindo visibilidade social uma lista crescente de problemas com as crianças, cujas causas eram atribuídas à televisão: malefícios físicos (inactividade, redução do tempo de sono, deterioração da acuidade visual); sociocognitivos (insucesso escolar, decréscimo da prática da leitura, redução da interacção social); e morais (diluição dos valores tradicionais, influência das cenas de violência e sexo nos comportamentos e nas relações entre gerações) (PINTO, 2000: 124).

Os primeiros projectos em grande escala explicitamente concebidos para encontrar respostas a este rol de queixas, através da pesquisa cientificamente orientada, desenvolvem-se na segunda metade dos anos 50, no Reino Unido (Himmelveit et al., 1958) e

nos Estados Unidos (W. Schramm et al., 1961) (PINTO, 2000: 125).

Para algumas crianças e em determinadas condições, certa televisão é prejudicial. Para outras crianças nas mesmas condições ou para as mesmas crianças noutras condições, pode ser benéfica. Para grande parte das crianças, na maioria das condições, a maior parte da televisão não é, provavelmente, nem especialmente prejudicial nem especialmente benéfica. Os efeitos da exposição à TV verificam-se em cada um dos vários campos, mas não num grau tal que origine mudanças fundamentais nas crianças. A televisão não é tão negra como a pintam, nem é tão-pouco o grande arauto da cultura e das luzes que os seus entusiastas reivindicam para ela (PINTO, 2000: 125).

A televisão parece acelerar a maturação e, pelo choque que se produz entre o sujeito e o objecto, desenvolve o espírito crítico cada vez mais apurado nas crianças dos meios socioculturais favorecidos, enquanto as outras continuam submetidas aos gostos da massa (PEPIN, 1979: 168).

Os resultados destes estudos, nomeadamente quanto à sua matéria substantiva, apresentam, hoje, um significado de natureza sobretudo histórica, dadas as alterações entretanto verificadas quer na vida social quer no sistema mediático e nas características da televisão (PINTO, 2000: 125).

No estudo sobre a relação crianças-televisão, há, por conseguinte, que considerar não apenas o factor "crianças" e o factor "televisão", mas igualmente os contextos socioculturais em que ocorre a interacção entre

os dois pólos do binómio considerado (PINTO, 2000: 126).

A preocupação de Bandura com os efeitos modeladores da violência televisiva remonta aos princípios dos anos 60. São conhecidas as suas experiências laboratoriais com crianças pequenas, às quais era mostrado um pequeno filme de conteúdo agressivo e observado, de seguida, o seu comportamento, num outro ambiente experimental em que havia sido colocada uma réplica do boneco que elas haviam visto a ser agredido por adultos no referido filme. Do facto de ocorrerem, nas circunstâncias referidas, comportamentos de imitação dos actos agressivos praticados pelos adultos é inferida a comprovação do efeito da violência televisiva no comportamento (PINTO, 2000: 129). Segundo outro autor, as cenas de violência representadas facilitam a passagem ao acto e, portanto, a delinquência (PEPIN, 1979: 156).

As crianças que não observam modelos agressivos na vida real, muitas vezes observam-nos na violência da TV. De facto, a investigação sugere que as crianças são mais influenciadas pelos modelos filmados de televisão do que pelos modelos apresentados ao vivo. As crianças do período pré-escolar vêem em média 3 horas de televisão por dia. Um estudo canadiano verificou que 28 a 40% das crianças entre os 3 e os 10 anos vêem programas de televisão violentos (PAPALIA et al., 2001: 378).

A investigação realizada desde os anos 50 mostra que as crianças que vêem violência na televisão se comportam de forma mais agressiva. Isto é verdade em vários locais geográficos e níveis socioeconómicos, tanto

para os rapazes como para as raparigas, tanto para as crianças normais como para aquelas que têm problemas emocionais. Estas correlações não provam, evidentemente, que ver violência na televisão causa a agressão, apesar de os resultados o sugerirem fortemente. É possível que as crianças já predispostas para a agressão possam ver mais programas violentos e se possam tornar mais agressivas depois de ver a violência no ecrã (PAPALIA et al., 2001: 378).

Todavia, os resultados de vasta série de investigações, incluindo estudos experimentais e longitudinais, apoiam a relação causal entre ver violência na televisão e agir agressivamente. Além disso, a influência da violência vista na televisão pode durar anos (PAPALIA et al., 2001: 378).

São apresentadas duas hipóteses sobre a forma como a violência vista na televisão torna as crianças mais agressivas: um mecanismo é o guião comportamental, que converte as imagens televisivas em guias para o comportamento. O outro mecanismo é a prontidão cognitiva. Ver a violência na televisão pode estimular as associações com ideias e emoções agressivas. Estas associações são recuperadas quando a criança está frustrada, é atacada, está com dores ou sob *stress*, e elas aprontam ou preparam a criança para responder agressivamente (PAPALIA et al., 2001: 378).

Outra explicação é a seguinte: quando as crianças vêem televisão, absorvem os valores implícitos e são levadas a ver a agressão e a infracção à lei como um comportamento aceitável. As crianças que vêem tanto os heróis como os vilões na televisão a conseguir o que

querem através da violência, podem tornar-se menos sensíveis à dor que resulta da agressão existente na vida real. Podem, por exemplo, não conseguir proteger a vítima de um agressor. Também são mais susceptíveis de quebrar as regras e menos susceptíveis de cooperar para resolver as diferenças (PAPALIA, et al., 2001: 379).

Os programas educativos na televisão podem ajudar a preparar as crianças para a literacia, especialmente se os pais falarem com elas acerca do que vêem (PAPALIA et al., 2001: 342). O caso do programa Rua Sésamo assume um carácter emblemático. Foi concebido para intervir, de forma motivadora, no desenvolvimento de competências e de conhecimentos de crianças em idade pré-escolar, com o objectivo de atenuar, por essa via, as disparidades socioculturais. Tirando partido dos recursos técnicos e dos diferentes géneros televisivos, procurou romper com a dicotomia entre as dimensões recreativa e educacional, mediante a adopção da filosofia de que é possível "aprender de forma divertida". As diversas avaliações efectuadas convergem no reconhecimento dos efeitos positivos do programa na aprendizagem, especialmente para os telespectadores mais assíduos (PINTO, 2000: 138).

Sabe-se que as crianças começam a ver TV cada vez mais cedo, e com dois anos são normalmente capazes de ligar o receptor. Porém, a partir da entrada na adolescência, com a crescente autonomização face aos pais, o consumo baixa substancialmente (PINTO, 2000: 144).

A existência e facilidade de acesso a equipamentos culturais e, por conseguinte, a alternativas atraentes de ocupação do tempo

são consideradas um factor relevante no consumo. Uma das condições para o consumo televisivo reside, obviamente, na disponibilidade individual. Relativamente às crianças, os tempos disponíveis articulam-se ainda com os estilos de educação, o tipo de família, o turno das aulas e o grau de articulação entre os respectivos horários e os dos pais (PINTO, 2000: 145).

De facto, não existem crianças "expostas" às televisões. A vida quotidiana das crianças não ocorre num vácuo social: elas têm pais e/ou outros adultos com quem interagem no dia-a-dia; têm irmãos ou amigos, colegas e vizinhos; além disso, inserem-se em quadros de relações sociais, de forma mais ou menos intensa, que começam por se circunscrever à família, mas que se vão progressivamente alargando às relações de vizinhança, às instituições educativas, etc. Nesse alargar de horizontes e nesse processo de compreensão de si próprias e do mundo em que vivem, as crianças encontram certamente na televisão um ponto de referência importante e, provavelmente, tão mais importante quanto mais débil for a densidade e a diversidade das suas interações sociais e mais diminutas as alternativas de ocupação do tempo, menos competitivas e desigualmente motivadores (PINTO, 2000: 160).

Um estudo realizado pela empresa "Zero a oito" conclui que, das cerca de doze horas que as crianças portuguesas passam acordadas por dia, mais de cinco são ocupadas em contacto com os "media" (D'OREY, 2009). Desta forma, o Enfermeiro surge também como um elemento importante neste factor, ao desempenhar um papel activo de forma a combater estes números.

Neste sentido, os profissionais de saúde devem actuar junto das crianças e dos seus familiares, uma vez que é frequente verificarem-se comportamentos de evitação e distanciamento por parte dos últimos, aquando da abordagem de assuntos como a sexualidade, drogas, violência, entre outros que, no fundo, acabam por ser esclarecidos, bem ou mal, pelos meios de comunicação.

Desta forma, os pais/educadores devem desenvolver técnicas de comunicação e diálogo com as crianças e jovens, estabelecer limites nas horas que estes dedicam a ver televisão e no tipo de programas que vêem. Neste processo, o Enfermeiro deverá sublinhar que estas regras devem ser negociadas em conjunto com as crianças, promovendo um clima de confiança propício ao desenvolvimento do pensamento crítico e lembrar a família/educadores que a televisão não os substitui, pois quando a criança ou jovem estiver sozinha, o mais provável é que escolha, por si, os programas a que vai assistir (ROEHRS, et al., 2007: 117; CARMONA, et al., 1996: 111).

Cabe ao Enfermeiro, e ao importante papel que este desempenha junto da sociedade, desenvolver campanhas de sensibilização quer junto das crianças, por exemplo, no seu contexto escolar, quer também junto dos pais, encarregados de educação e professores.

Durante estas campanhas de sensibilização é importante que o Enfermeiro destaque a relevância que os tempos passados em família têm no processo de vinculação, no desenvolvimento da personalidade das crianças e na aquisição de competências para a resolução de problemas ligados ao mundo físico e social (PEDRO, 2005: 13).

Se o Enfermeiro estiver desperto para estes factores será capaz de desenvolver um conjunto de estratégias adequadas com o intuito de sensibilizar não só as crianças, mas também as suas famílias, em relação às repercussões que a televisão poderá ter na construção das crianças.

### Conclusão

Ao longo do tempo, os "media" têm condicionado o desenvolvimento geral da criança, fornecendo-lhe de igual modo a visão de outras realidades.

Apesar dos malefícios que a televisão e outros meios de comunicação apresentam, esta ostenta vantagens como o desenvolvimento de espírito crítico e aceleração da maturação.

Cabe aos pais/educadores "negociarem" com os seus filhos esta problemática, existindo para além de um controlo uma articulação entre ambas as partes. Neste sentido, o Enfermeiro assume um papel activo ao nível da promoção do uso correcto dos "media" quer junto da família, quer junto da criança.

### Referências Bibliográficas

- ✓ BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995. ISBN: 972-44-0776-4;
- ✓ CARMONA, B. et al. *Televisão e infância. Comunicação & Educação*. Volume 5, nº1. Janeiro/Abril de 1996;
- ✓ PAPALIA, D. et al. *O mundo da criança*. 8ª Edição. Lisboa: McGraw Hill, 2001. ISBN: 972-773-069-8;
- ✓ PEPIN, L. *A criança no mundo actual – psicologia, vida e problemas*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979. ISBN: 972-33-0114-8;
- ✓ PINTO, M. *A televisão no quotidiano das crianças*. Porto: Edições Afrontamento, 2000. ISBN: 972-36-0509-0;
- ✓ ROEHRS, H. et al. *Entrevista de ajuda: estratégias para o relacionamento interpessoal entre enfermeiro e família do adolescente no*

*espaço escolar*. Volume 6, nº 1. Janeiro/Março de 2007.

### Referências Electrónicas

- ✓ ALONSO, M. *A influência da comunicação de massa no desenvolvimento da personalidade e no comportamento dos indivíduos*, 2004. <http://www.dominiosdelinguagem.org.br/pdf/d4-10.pdf> (Consultado em 23/10/2010 às 19:03);
- ✓ ANDRADE, E. *A influência dos media no desenvolvimento psicológico infantil*, 2008. <http://www.unicentro.br/proec/publicacoes/salao2008/artigos/Eva%20Pereira%20Andrade.pdf> (Consultado em 23/10/2010 às 18:45);
- ✓ D'OREY, M. *Media invadem quotidiano das crianças portuguesas*, Maio de 2009. [http://jpn.icicom.up.pt/2009/05/25/media\\_invad\\_em\\_quotidiano\\_das\\_crianças\\_portuguesas.html](http://jpn.icicom.up.pt/2009/05/25/media_invad_em_quotidiano_das_crianças_portuguesas.html) (Consultado em 23/10/2010 às 17:43);
- ✓ MORAIS, A. *As crianças e a violência na televisão*, [s.n]. [http://www.ipv.pt/forumedia/3/3\\_fe5.htm](http://www.ipv.pt/forumedia/3/3_fe5.htm) (Consultado em 23/10/2010 à 18:32);
- ✓ MOREIRA, V.; PIMENTA, H. *Meios de comunicação social – "Mass media"*, 2000. <http://portuguesonline2.no.sapo.pt/mass.htm> (Consultado em 23/10/2010 às 17:58);
- ✓ PEDRO, C. *Identificação das práticas de lazer: Estudo com crianças do 1º ciclo*, Agosto de 2005. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4843/1/Tese%2520de%2520mestrado.pdf> (Consultado em 23/10/2010 às 16:49);
- ✓ SILVA, S. *A grande influência dos meios electrónicos na vida das crianças, em especial a TV*, Julho de 2008. <http://www.artigonal.com/ciencia-artigos/a-televisao-e-a-crianca-a-grande-influencia-dos-meios-eletronicos-na-vida-das-criancas-em-especial-a-tv-478107.html> (Consultado em 23/10/2010 às 19:25).



[http://2.bp.blogspot.com/\\_VUqK3Mo5Gm/1B51AAA4AAAQ/TLv-d1108g/1400/mesina\\_budo\\_2011000.jpg](http://2.bp.blogspot.com/_VUqK3Mo5Gm/1B51AAA4AAAQ/TLv-d1108g/1400/mesina_budo_2011000.jpg)